

SEMPRE LEMBRANDO:

Um e-book dos alunos do
5º ano B - 2017 da
EMEF EMÍLIO RIBAS

APRESENTAÇÃO

SEMPRE LEMBRANDO- É um E-book, ou seja, um livro no formato digital que nasce da necessidade de compilarmos as entrevistas que os alunos e as alunas do 5º ano B de 2017 da EMEF EMÍLIO RIBAS elaboraram com seus familiares, amigos ou conhecidos do bairro. Nessas entrevistas a pergunta principal era: "Como foi a sua infância?", na tentativa de resgatar dos mais experientes de tempo de vida e de vivências mesmo, as lembranças dessa época. Atividade que pretendia significar o estudo do gênero textual "Memórias". Assim os textos que se apresentam no primeiro capítulo: "Lembranças colhidas" são histórias coletadas pelas crianças e passadas por elas para a primeira pessoa do singular e os registros do segundo capítulo: "Lembranças plantadas" são as memórias das próprias crianças. Esperamos que as leituras semeadas neste e-book germinem!

Professora Sara dos Santos

PRIMEIRO CAPÍTULO: "LEMBRANÇAS COLHIDAS"

O primeiro dia de aula na escola

Aluno: Alexandre Santos Milani Peres

Entrevistada: Sandra Santos Da Silva

No primeiro dia de aula na primeira série fiquei bem ansiosa e com frio na barriga preocupada por não conseguir ter amigos. Eu fiquei quieta no meu lugar, eu sentava na segunda cadeira na terceira fileira.

Estudava na escola E.M.E.F Visconde de Taunay.

Também nessa escola, fui num passeio especial! Fui para o Sesc do Itaquera ,foi bem legal porque tinha piscinas e parquinho. Nossa sala ganhou o passeio porque fizemos muitos pontos com as prendas na festa junina.

Outra coisa que me lembro é que quando tinha 9 anos eu ganhei uma boneca bebê da minha irmã. Eu me senti feliz . Quando ela deitava fechava o olhinho e quando ela ficava em pé abria o olhinho. Depois de algum tempo nasce meu primo Aucides, fomos visitá-lo na casa da minha prima ele era muito fofinho. Um bebê de verdade!! Também me senti feliz por ter mais um primo na família.

Ele cresceu e ficou bagunceiro mexia em tudo e subia em todos os lugares.

Virada do jogo

Aluna: Suelen Albertini da Silva

Entrevistada: Sonia Albertini da Silva

A minha infância foi diferente da dos meus filhos. O meu pai não comia porque o alimento só dava para mim e para a minha irmã, apesar das situações difíceis meu pai sempre acreditou que tudo melhoraria, tanto é que quando havia oportunidade ele tentava a sorte na loteria. Um dia ele jogou a data de aniversário da minha irmã e da minha Vó, e deu certo! Ele ganhou, mas não parou de trabalhar, depois de muito tempo começou a viajar, acabou conhecendo vários lugares e quando o primeiro neto nasceu resolveu sossegar.

Piquenique

Aluno: Angelo Vinicius da Silva

Entrevistada: Maria Patuci da Silva

Me lembro que fui num piquenique com meus irmãos e alguns colegas, nem sabia o que era piquenique, só gostava de ir no parque e comer frutas, lanches e beber os sucos que os mais velhos faziam. Lá brincávamos das brincadeiras de sempre: pega-pega, esconde- esconde, pular corda, etc. Ah, a gente tomava banho no rio, passávamos horas na água, era muito divertido!

Uma estrelinha brilhante do céu

Aluno: Leonardo Sant Anna Ribeiro

Entrevistada: Fernanda Sant Anna

Quando eu tinha 8 anos ganhei uma cachorra. Ela era linda, tinha os pelos marrons e os olhos castanhos, eu adorava fazer carinho nela e também adorava jogar a bolinha para ela pegar. Era a melhor companheira, sempre estava perto de mim ou me esperando chegar em casa. Todos da minha família gostavam dela. Ela ficou comigo 17 anos e hoje ela é uma estrelinha brilhante do céu. Quando ela se foi, fiquei muito chateada, ainda sinto muitas saudades dela.

O Emílio era assim...

Aluna: Isabella Cristina Silva Souza

Entrevistada: Daniele Cristina da Silva

Lembro de quando estava na quinta série, eu tinha vários professores, um para cada matéria, adorava ter vários professores, conversava com todo mundo. Também gostava muito de escrever na lousa, estudava na escola EMEF Emílio Ribas. O Emílio naquele tempo não tinha muitos portões que nem tem hoje. Me lembro, que nesse ano levei uma bolada de bola de basquete no rosto e precisei ir embora mais cedo.

O uniforme da escola era camiseta e para as meninas tinha shorts-saia, achava que vestia bem esse conjuntinho. De todas as aulas, a minha preferida era de Português e as festas juninas eram muito mais legais que as que têm hoje em dia, precisávamos pegar prendas, que depois eram dadas nos jogos durante a festa, a sala que trouxesse mais prendas ganhava um passeio.

Aprendendo a ser feliz com o que se tem...

Aluno: Thiago Sanches Alves

Entrevistado: Eleandro Aparecido Alves

Quando eu era criança, minha mãe trabalhava muito, mas ganhava pouco e mal tinha dinheiro para comprar as coisas, por isso os brinquedos que eu tinha eram ganhados por vizinhos e amigos. Eu adorava jogar bola no caminho para casa, depois da escola com os amigos, brincar de esconde-esconde, pega-pega entre outras brincadeiras. Sempre ajudava minha mãe com as tarefas já que ela trabalhava muito. Adorava brincar na rua já que antigamente não era tão perigoso, gostava de estudar e escrever poesias. Apesar de não ter dinheiro era muito feliz, e hoje tento dar tudo para meu filho ser feliz também.

Susto!

Aluno: Felipe Gardini do Nascimento

Entrevistada: Maria de Lurdes

Quando eu tinha 10 anos o meu pai me chamou para ir procurar abelha no mato para tirar mel. Quando entramos no mato, ele viu um cupinzeiro que estava perto de uma árvore e para fazer brincadeira comigo cortou-o no meio falando que ali tinha mel, mas para nossa grande surpresa ali tinha uma cobra, nos assustamos, mas ele conseguiu pega-la e matá-la, deixando-a ali mesmo no mato. Depois de alguns dias, meu irmão me chamou para mostrar o lugar onde meu pai tinha matado a cobra, chegando perto do local eu senti que tinha pisado com força num espinho, olhei e vi que tinha sido no osso da cobra que meu pai tinha matado há dias atrás, isto trouxe muito sofrimento não só para mim, mas para minha família, porque nesta época não tinha muitos recursos como hoje, os hospitais eram longe, então fiquei muito mal, com dor no pé, com febre, pois foi um corte muito

grave, quase perdi meu pé, porém aos poucos foi sarando.

Travessura

Aluno: Kawã Barbosa da Silva

Entrevistado: Carlos Roberto da Silva

Quando eu tinha 10 anos, meu irmão, meus amigos e eu brincávamos de Futebol no pátio da igreja do lado de uma fábrica onde havia um cachorro de raça fila, foi quando chutei a bola e caiu dentro do pátio da fábrica, meus amigos e eu subimos no muro para olhar meu irmão que ia ao fundo da fábrica lentamente para distrair o cachorro, não sabíamos quem de nós iríamos descer para pegar a bola, mas sem ter tempo de decidir, um dos meus amigos me empurrou para dentro da fábrica, então o cachorro ouviu o barulho e correu em minha direção, peguei a bola e joguei rapidamente para os meninos e corri em direção ao portão desesperadamente. Quando subi, me desequilibrei, e cai para o lado de fora da fábrica, acabei quebrando o braço direito. Além de ficar de castigo em casa pela travessura, fiquei afastado da escola por vários dias.

Uma infância agitada

Aluno: Arthur Costa Teodoro Pires

Entrevistada: Thais Cândido Muniz

Quando eu era pequena ficava muito na rua. Minhas amigas eram: Érica, Tayane, Deise, Tamires, Palmira e Aline. Nós brincávamos de: Casinha, Futebol, brincava em vários brinquedos do parquinho na minha rua. Eu era uma aluna muito travessa, fazia as tarefas, mas não tinha notas boas. Gostava muito de brincar no pátio da escola. Minhas aulas favoritas eram as de artes, nessa tinha boas notas. Não gostava do meu professor de ciências do oitavo ano, porque numa aula ele disse: - Você vai terminar abandonada pelo marido, com filho na cintura e vai ser mulher de tanque. Fiquei tão brava que furei todos os pneus do carro dele com meu compasso escolar.

Infância divertida

Aluno: Erick Dias da Silva

Entrevistada: Walquiria Dias da Silva

Eu e minhas irmãs brincávamos de boneca, sempre que voltávamos da escola, combinávamos de nos encontrar com as colegas da rua ou da escola mesmo e ficávamos brincando até cansar. Depois a gente voltava da rua, almoçava, tomava banho e ia fazer alguma coisa em casa mesmo. Um passeio muito especial, foi quando fomos à Juazeiro visitar a família do meu pai, ficamos dois dias lá, visitando as pessoas e tomando café com elas, colocamos a conversa em dia e foi bem divertido.

Meu bode

Aluna: Ana Gabrielly da Silva Freitas

Entrevistada: Luzinete da Silva Freitas

Quando tinha 10 anos eu morava em um sítio e tinha um bode de estimação, conforme ele foi crescendo foi ficando mais agressivo. Um dia, quando fui tocar nele, ele me empurrou contra a parede e ficou me enforcando, foi muito assustador, se meu pai não tivesse chegado a tempo eu poderia ter morrido. Meu pai precisou chamar um médico para ver se eu estava bem, acabei tomando uns remédios e aos poucos fui melhorando.

Menino ou menina?!

Aluno: Vinicius do Nascimento Romeiro Pereira

Entrevistada: Sueli do Nascimento Pereira

Perto dos meus 10 anos, me mudei de uma cidade bem pequena chamada Boa Esperança para uma cidade maior chamada Campo Mourão (Paraná), onde tive que começar a estudar em uma escola nova e fazer novos amigos. Chegando nesta escola aconteceu algo inusitado, fui confundida com um menino, pois eu estava com cabelo curto, as meninas ficavam numa sala e os meninos em outra. Não deu tempo de eu falar que era uma menina, só quando percebi que eles haviam me confundido, que perguntei se eu ficaria ali mesmo. Fiquei com muita vergonha, mas a professora pediu desculpas e logo eu me adaptei e fiz amizade com uma menina chamada Marta.

Laje perigosa!

Aluna: Gabrielly Nunes Guimarães

Entrevistado: Vagner Guimarães

Na minha época era difícil, havia muitas enchentes no meu bairro, mas conseguíamos seguir com as nossas vidas. Lembro que eu ficava muito sozinho em casa, minhas irmãs Vânia e Vilma estudavam em um período diferente do meu e meus pais trabalhavam muito, então não tinha ninguém para cuidar de mim. Eu só tinha dez anos, mas já sabia, um pouco, como ficar sozinho. Porém, algo aconteceu quando eu estava sozinho, eu estava numa laje alta cheia de telhas e acabei tropeçando numa delas e cai de lá de cima, só destronquei o braço, mas me assustei muito. Depois que isso aconteceu minha mãe parou de trabalhar e passou a cuidar de mim.

Trauma

Aluno: Ronaldy Coelho Dias

Entrevistada: Priscila Coelho

Sobre a escola, havia um garoto que sofria perseguição por usar óculos, era chamado de quatro olhos. Mas, eu não sofria bullying. Lembro que meu colégio tinha uma estrutura bem simples, um pouco precária, mas não era um problema grande, a não ser pelo telhado quebrado que atrapalhava quando chovia. Ainda na infância, algo me traumatizou, um cachorro me mordeu perto da cabeça e fiquei com uma cicatriz na testa. Ainda tenho medo de cachorros.

Bullying

Aluna: Pamela Araujo da Silva

Entrevistada: Vizinha (não quis se identificar)

Quando eu tinha 9 anos estava estudando na escola E.E Prof. Theodoro de Moraes uma das mais antigas escolas de São Paulo. Sofria muito com o bullying na escola, pois meu cabelo era curto e um pouco crespo. Era muito julgada na escola, os meninos não gostavam de mim, faziam tudo para eu apanhar da professora ficavam me chamando, me irritando, e falando para a professora que eu estava enchendo o saco deles e naquela época a professora batia nos alunos com um galho de laranjeira, eles podiam apanhar nas costas ou nas mãos, dependia do comportamento do aluno. A minha mãe era muito atenciosa comigo, às vezes ficávamos sentadas em cima do telhado no pôr do sol conversando. Aqueles momentos são inesquecíveis para mim. E compensam as coisas ruins vividas na escola.

Bonecas feitas em casa

Aluna: Mariane Silva Dantas

Entrevistada: Maria Lurdes Silva Gracino

Quando era criança fazia bonecas de pano com as minhas primas, conhecidos ou amigos. As bonecas eram feitas de pano, a gente dava nós até criar o formato da boneca. As roupinhas das bonecas eram sobras de pano. Fazíamos até o guarda-roupas, usávamos uma lata de óleo, cortávamos um quadrado deixando uma parte sem cortar, depois era só fazer dois furos para colocar o arame e estava pronto. Não gastávamos dinheiro porque eram panos usados, ou seja, fazíamos nossos próprios brinquedos e nos divertíamos com isso.

Saudades

Aluno: Jorge Luiz oliveira Ferreira de Souza

Entrevistada: Keyla Santos Oliveira

Meus pais sempre trabalharam para que pudéssemos ter uma vida digna mesma com toda a dificuldade da época. Aos 7 anos fomos morar na Cidade Tiradentes, lugar onde meus pais conseguiram comprar um apartamento. Era um bairro novo que não tinha nem asfalto, era mato de um lado e do outro. Para comer pão, meu pai tinha que trazer de Santo André, porque não tinha nem padaria por perto. Foi uma infância turbulenta com muitas dificuldades, mas que agora que lembrei, sinto saudades da família unida, saudades da minha mãe, que faleceu há três anos e do meu pai que mora em São Luís (Maranhão).

Segundo Capítulo: "Lembranças plantadas"

Coisas Ruins

Aluno: Pedro Henrique Camargo Lupino

1- Quando tinha 7 anos meu pai, meu vô, minha vó e minha irmã brigaram e minha vó foi morar em outra cidade e meu avô ficou comigo. Depois de passar 5 anos meu vô foi morar com a minha vó e fiquei bastante tempo sem vê-los, só os vejo quando viajo para onde eles estão. Já os meus pais, brigavam muito, mas já fizeram as pazes.

2- Quando eu tinha 6 anos fui pegar minha roupa no armário, acabei fechando a porta do armário na minha mão, quando a puxei, ela raspou com força na porta e fez um corte fundo, assim tenho uma cicatriz bem grande na minha mão.

3- Quando eu tinha 5 anos quis nadar na piscina, tinha que subir uma escadinha para poder pular, quando estava subindo, rasguei meu pé numa parte da escadinha, ficou a marca por 3 meses e depois sumiu.

4- Quando eu tinha 3 anos estava sozinho com a minha irmã mais velha, porque meu pai e minha mãe foram trabalhar. Nesse dia, minha irmã me deixou de castigo porque fiz arte na casa e me bateu. Meu olho ficou roxo, meu braço ficou arranhado e meu nariz sangrando. E quando meu pai e minha mãe voltaram, minha irmã apanhou porque meu pai e minha mãe me viram todo machucado, minha irmã nunca mais fez isso.

Coisas que me lembro...

Aluna: Sabrina de Souza Moreira

Quando eu tinha 3 anos eu estava aprendendo a andar de bicicleta, caia uma vez e já desistia, depois de muitas tentativas consegui andar um pouquinho melhor. Me lembro também de um cachorro que minha mãe trouxe para casa, a gente deu o nome de Betoven, ele viveu bastante com a gente, já faz um tempo que faleceu.

O dia que ganhei a minha cicatriz

Nome: Fabrício Malta Lima de Souza

Quando eu era pequeno estava na creche, como qualquer criança normal, brincando com os outros, se divertindo e sendo feliz. A cada dia as brincadeiras eram mais diferentes do que as outras. Mas esse dia foi sombrio, eu tinha um caminhão de brinquedo e estava brincando com ele perto de um portão que ficava trancado para nenhuma criança sair, fiquei brincando, quando o caminhão foi parar bem no portão, corri para pega-lo e escorreguei, batendo o rosto com tudo no portão. Então, uma mulher foi me socorrer, mas ela ficou toda suja de sangue, então ela ligou para a emergência, meu nariz ficou roxo e minha testa sangrou muito e fui para o hospital cheio de sangue e levei 3 pontos na testa que ficou enfaixada durante um tempo. Até hoje tenho essa cicatriz e tenho isso gravado na minha cabeça.

O Raio!

Aluno: João Victor de Oliveira Alencar

Eu estava na escola, quando começou uma tempestade enorme, logo a energia acabou e estudávamos a tarde, não poderíamos ficar até anoitecer, pois ficaríamos no escuro total, assim tivemos que ir embora. Não lembro que foi me buscar, mas no caminho para casa, quando estava subindo a minha rua cai um raio bem perto de mim e eu o vi, ele era muito legal! No outro dia, fui para a escola, a energia já tinha voltado, mas ainda estava chovendo forte.

Primeiros dias de aula

Aluno: Gustavo Ferrenha Cerqueira

Tinha seis anos e fui para a Escola Emef Emílio Ribas, tive problemas para ter amigos, muitas pessoas faziam bullying, minha professora percebia e brigava com os alunos que faziam isso comigo, aos poucos fui fazendo muitos amigos. No final do ano, já era amigo de quase toda a classe.

Na rua

Aluno: Matheus Oliveira de Assis

Eu me lembro que eu brinco na rua desde meus 7 anos. Uma vez, um menino queria roubar minha bola, eu não dei, então ele falou que se eu não entregasse a bola, ele iria me bater, mesmo assim não dei, ele cumpriu o que havia falado, me deu um soco e me chutou, no final, acabei caindo e deslocando meu braço, mas não dei a bola!

Coceira que atrapalha!

Aluno: Luiz Gustavo Pereira Durvalino

Quando eu era uma criança do primeiro ano eu gostava dos dias que podíamos levar brinquedos, que eram as sextas-feiras. Me lembro que numa quinta-feira, cheguei em casa e eu estava coçando muito a cabeça, minha mãe olhou e viu que eu estava cheio de piolhos! Ela achou melhor eu faltar no outro dia, fiquei chateado porque era dia do brinquedo, mas eu assisti tv o dia inteiro e quando escureceu eu assisti um filme no canal SBT.

Quedas

Aluno: Guilherme Silva Moutinho

Me lembro que estava em casa e resolvi subir no telhado, porém o telhado estava quebrado, acabei caindo, não me machuquei grave, mas fiquei assustado, ainda bem que não tinha ninguém em casa. Na mesma semana, fui andar de bicicleta com meu irmão, eu estava pilotando e meu irmão estava atrás, de repente meu pé prendeu na roda, a bicicleta parou e eu acabei capotando com meu irmão, ficamos ralados, mas rimos do tombo.

Primeiro dia agitado

Aluno: Reberth Marth de Albuquerque Bandeira

Eu estava no primeiro dia de aula quando a professora mandou escrever, mas tudo estava em grego para mim, eu ainda não sabia ler e nem escrever, mas ela ensinou um truque e logo eu aprendi a escrever, quando isso aconteceu, eu me senti um "NERD". Ainda no primeiro dia de aula, no recreio eu ouvi um barulho gigantesco como se caísse um meteoro, a professora mandou todo mundo sair do pátio, acredite, a árvore principal da escola caiu por causa da chuva! A gente ficou num outro espaço até nossas mães ou pais chegarem. Todo mundo ficou assustado por causa da árvore e a minha cara foi essa:(<>-<>). Minha mãe chegou para me buscar e chegando em casa, li o calendário inteiro e ela me abraçou e falou "estou orgulhosa" e eu a abracei e chorei.

Agradecemos à toda Equipe de trabalhadoras e trabalhadores da EMEF EMÍLIO RIBAS e a todos os entrevistados pelos alunos.